



SINAIS DE RESISTÊNCIA: a língua de sinais nos espaços acadêmicos por meio dos cursos de Letras-Libras

Elissandra Lourenço Perse¹

1 INTRODUÇÃO

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ao criar o primeiro curso de graduação em Letras/Libras do país, tornou-se um centro nacional de referência em pesquisas acadêmicas na área de Libras.

Ofertado inicialmente na modalidade a distância, o curso de graduação em Letras/Libras foi uma ação desenvolvida a fim de atender as demandas decorrentes da inclusão dos surdos na educação, conforme previsto no Decreto 5.626/2005 que regulamenta a Lei de Libras 10.436/2002, bem como para garantir sua acessibilidade, conforme previsto na Lei de Acessibilidade 5.296/2004².

Dessa forma, em 2006 teve início a primeira turma de Licenciatura do curso de graduação em Letras/Libras EaD do país e, em 2008, a primeira de bacharelado. Em parceria com diversas instituições de todo o Brasil, o projeto inédito foi realizado em nove estados brasileiros.

Sob a coordenação da UFSC nas etapas de planejamento e execução, o curso foi oferecido pelas universidades federais do Amazonas (UFAM), do Ceará (UFC), da Bahia (UFBA), do Rio Grande do Sul (UFRGS) e de Santa Maria (UFSM), pelas universidades de Brasília (UnB) e de São Paulo (USP), pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e pelo Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) de Goiânia.

Por meio desse projeto, a UFSC, em parceria com outras instituições, foi responsável pela formação de 1079 professores de Libras e tradutores e intérpretes

¹ UERJ.

² Informações extraídas do site da própria instituição. Para mais detalhes ver <https://libras.ufsc.br/libras-distancia/>. Acessado em 08/03/2018

de Libras-Português em todo território nacional, oriundos das primeiras turmas dos cursos de Licenciatura e Bacharelado.

Em 2014, com a adesão ao Programa Viver sem Limite do governo federal, o curso de Letras/Libras EaD, bacharelado e licenciatura, torna-se um curso regular da UFSC. Atualmente, a UFSC é a única universidade federal no Estado de Santa Catarina que oferece o curso de Letras/Libras nas modalidades presencial e à distância.

No presente trabalho, temos por objetivo desenvolver uma breve reflexão sobre o objeto histórico, qual seja, o Projeto Político Pedagógico, doravante PPP, do curso de Letras Libras presencial (Licenciatura e Bacharelado) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), bem como as ementas de suas disciplinas, pela perspectiva teórico-metodológica da História das Ideias Linguísticas (HIL).

Mediante seu reconhecimento como precursora na oferta do primeiro curso de graduação de Letras/Libras e na modalidade EaD não só do Brasil, mas da América Latina, a justificativa para a escolha da UFSC fundamenta-se na sua importância histórica, por ser o primeiro curso do gênero no Brasil e servir de modelo para inúmeros outros programas de graduação em todo país e também internacionalmente, pois segundo Albres (2016, p. 35), cria-se em Portugal, no ano de 2010, o curso de licenciatura em Língua Gestual Portuguesa – LGP, tendo como modelo o curso do Brasil (coordenado pela UFSC), com regime de ensino a distância.

Assim, entendemos que essa instituição possui um papel primordial na constituição da história da Libras e na produção de conhecimentos científicos sobre a língua de sinais, uma vez que, por meio dos cursos de licenciatura e bacharelado, formou os primeiros profissionais para atuação direta com o ensino ou tradução/interpretação da língua de sinais e que esses divulgaram o conhecimento adquirido em sua formação acadêmica em seus respectivos locais de atuação laboral.

Em seus discursos como professores ou intérpretes/tradutores repercutirão as reflexões e as memórias de sua formação acadêmica, marcadas pela retomada de

dizeres e pelo elo entre o histórico, o linguístico e o discursivo. Suas práticas e escolhas teóricas e metodológicas provavelmente (re)produzirão suas experiências e exemplos vivenciados e os conhecimentos adquiridos ao longo da sua formação.

Assim, nos questionamos quais imagens sobre o surdo e a língua de sinais foram privilegiadas na/pela instituição nesse processo de disciplinarização da Libras e durante a formação inicial de professores e intérpretes/tradutores?

Para contestar a essa indagação, investigaremos como os saberes sobre a língua e o surdo estão /são mobilizados durante a formação inicial desses profissionais, por meio dos documentos institucionais como o PPP e o ementário do curso.

Sabemos do trabalho hercúleo da disciplinarização da Libras, historicamente marcada por movimentos de luta, reconhecimento, censura e tensão. Há que se lançar sobre ele um olhar para além dos dados históricos e considerar de forma analítica e crítica sua relação aos já-ditos e suas ressignificações.

2 O LUGAR DA HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS NO PROCESSO DE DISCIPLINARIZAÇÃO DA LIBRAS

Participando e assistindo aos processos e movimentos da comunidade surda que culminam com leis e decretos que buscam assegurar a acessibilidade dos surdos aos mais diversos ambientes via língua de sinais, acreditamos que a valorização dos registros que inauguram a disciplinarização da Libras nas universidades é primordial para o resgate de memórias que resultaram com a sua inserção como disciplina curricular obrigatória, assim como para projeções futuras que são delineadas a partir dos discursos que atravessam a formação de professores de Libras e intérpretes/tradutores por meio do ementário do curso de Letras/Libras.

Através da sua história podemos compreender o presente e projetar possíveis caminhos para o futuro, além de nos auxiliar na importante relação do sujeito com o saber científico e sua língua na construção de sua identidade.

Para a análise do nosso *corpus*, nos filiamos aos estudos da História das Ideias Linguísticas (doravante HIL), com base nos estudos de Sylvain Auroux (1989; 2009) e Eni Orlandi (2001; 2010), que buscam compreender os processos de constituição de identidades linguísticas, as relações entre os sujeitos e a institucionalização do saber.

Entretanto, inicialmente, necessitamos esclarecer a diferença entre *historiografia* e *HIL*. Tomamos as palavras de Orlandi (2001) para essa elucidação:

Antes de prosseguirmos é preciso explicitar um ponto fundamental de nossa pesquisa: nós fazemos história das ideias linguísticas e não historiografia. [...] Isto significa que não tomamos o olhar externo, o do historiador, mas falamos como especialistas de linguagem a propósito da história do conhecimento sobre a linguagem. Não se trata de uma história da Linguística, externa, o que poderia ser feito por um historiador da ciência simplesmente. Trata-se de uma história feita por especialistas da área e, portanto capazes de avaliar teoricamente as diferentes filiações teóricas e suas consequências para a compreensão do seu próprio objeto, ou seja, a língua. (ORLANDI, 2001, p. 16)

Dessa maneira, pontuamos que fazer historiografia é diferente de fazer história nas ciências da linguagem, pois a HIL parte de uma ótica intrínseca, um saber elaborado sobre uma língua, fruto de uma reflexão ou atividade metalinguística (AUROUX, 1989) e não do ponto de vista externo tal como faz o historiador.

Desta forma, este trabalho não se limita a elencar cronologicamente fatos históricos que desencadearam a inserção da Libras nas universidades, mas em analisar como o processo de produção e institucionalização do saber dessa língua produz sentidos em um determinado contexto sócio-ideológico, pois:

Quando falamos das ideias linguísticas, referimo-nos à definição da língua, à construção de um saber sobre a língua, à produção de instrumentos tecnológicos que lhes são ligados e também à sua relação com a história do povo que a fala. (ORLANDI; GUIMARÃES, 2001, p. 32)

Auroux (2009) define o conceito de gramatização como “o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário”. (p. 65). Assim, para o referido autor, gramáticas e dicionários seriam os instrumentos linguísticos.

Já Orlandi (2001, p. 8) define os instrumentos linguísticos por sua vinculação com a ideologia a partir da forma como estabelecem historicamente as relações entre língua, sujeito e sociedade. Desse modo, a materialidade de uma prática que constituiu a cidadania tem de um lado, as instituições, de outro, a sua textualidade: gramáticas, dicionários, obras literárias, manuais e programas de ensino.

[...] enquanto objeto histórico, tanto a gramática como o dicionário, ou o ensino e seus programas, assim como as manifestações literárias são uma necessidade que pode e deve ser trabalhada de modo a promover a relação do sujeito com os sentidos, relação que faz história e configura as formas da sociedade. O que nos leva a dizer que, por isso mesmo, eles são um excelente observatório da constituição dos sujeitos, da sociedade e da história. (ORLANDI, 2001, p. 9)

Pela análise da produção desses instrumentos linguísticos, podemos compreender de que forma a institucionalização da Libras e sua instrumentalização constituíram um novo espaço político-social embasando uma consciência histórica acadêmica da língua de sinais que orientará a criação de outros cursos de Letras Libras.

A partir dos documentos institucionais disponíveis, recorreremos, então, ao Projeto Político Pedagógico (PPP) e ao ementário do curso de graduação Letras/Libras da UFSC, produzidos em 2012, uma vez que esses textos se convertem em fontes de documentação onde buscamos identificar particularidades que nos auxiliem a traçar a (re)construção de uma determinada realidade social contextualizada histórica e ideologicamente. “Dessa maneira, podemos conceber a HIL como um microcosmo polifônico em que se articulam estruturalmente o passado e o presente através de um discurso, sempre visto a partir da intertextualidade e da contextualização.” (FERNANDES, 2009, p. 161)

3 EMENTÁRIO E PPP: UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS E INSTRUMENTOS DE DISCIPLINARIZAÇÃO DA LIBRAS

Como pioneira na oferta do curso de Letras/Libras e, além disso, na modalidade a distância, a UFSC teve um grande desafio ao montar seu currículo, principalmente quando consideramos que o currículo é uma práxis resultante dos embates que se travam por grupos/instituições nos mais diversos campos, sendo sempre, dessa maneira, resultado de escolhas, seleções, apagamentos e diferenciamentos não aleatórios.

Sua organização curricular compreende os seguintes eixos: a) conhecimentos básicos da área; b) conhecimentos específicos; c) conhecimentos pedagógicos (na licenciatura) e d) conhecimentos de formação profissional (no bacharelado). (PPP, 2012, p. 25)

O curso foi estruturado em quatro anos com oito períodos. A partir das informações no Projeto Político Pedagógico do curso, elaboramos uma tabela para melhor visualização de sua estrutura e distribuição da sua carga horária.

Tabela 1: Distribuição da carga horária do curso de graduação Letras/Libras UFSC

LICENCIATURA	BACHARELADO
Total = 3.684 horas-aula	Total = 3.708 horas-aula
Conhecimentos básicos da área = 720 h/a	Conhecimentos básicos da área = 576 h/a
Conhecimentos específicos = 1.440 h/a	Conhecimentos específicos = 1.800 h/a
Conhecimentos pedagógicos = 504 h/a	Formação profissional = 792 h/a ³
Estágio supervisionado = 480 h/a	Atividades-acadêmico-científico-culturais = 252 h/a
Atividades-acadêmico-científico-culturais = 252 h/a	Disciplinas optativas = 288 h/a
Disciplinas optativas = 288 h/a	

Fonte: Elaborada pela autora, adaptado do PPP do curso de Letras/Libras – UFSC

Ao analisarmos a distribuição da carga horária destinada à licenciatura, verificamos um número ífero reservado para os “conhecimentos pedagógicos”. Embora na presente data da realização do PPP, não havia uma definição clara que normatizasse a carga horária mínima para os conhecimentos pedagógicos, atualmente, o recomendado pelo MEC (BRASIL, 2015, Capítulo V, Art. 13, § 1º) é que a mesma deve figurar pelo menos 20% da carga horária total do curso.

Albres (2016) também sinaliza essa disparidade na carga horária destinada aos conhecimentos pedagógicos. Historicamente, parece haver em nosso cenário acadêmico um processo de hierarquização do bacharelado com relação à licenciatura.

Segundo a autora, “à formação para o trabalho com o ensino é dado valor menos importante.” (2016, p. 113) Para ela, o documento apresenta a valorização da disciplina Linguística e ressalta que “a premissa parece ser que, se um sujeito sabe Libras e linguística, ele saberia dar aula.” (2016, p. 114)

[...] o que esse documento apresenta é a valorização da disciplina de Linguística. Há tensões no processo de construção do currículo, visto que a produção coletiva envolve diferentes concepções e perspectivas

³ Nessas horas estão incluídas 324 h/a de prática como componente curricular e 216 h/a de estágio supervisionado, segundo o PPP (2012, p. 25)

pedagógicas. Historicamente, esse currículo (primeiro curso) também foi desenvolvido para legitimar a língua e seus profissionais. Ponderamos que esse desenho de currículo está fortemente marcado por uma história de desprestígio e lutas. A relação pedagógica é dialógica e bilateral, o fazer em sala de aula que “dá o tom” de como esse currículo se manifesta. Não existe um currículo ideal, pois cada qual atende uma necessidade específica situada histórica e politicamente. (ALBRES, 2016, p. 115)

Desse modo, a partir de uma perspectiva da História das Ideias Linguísticas, há que se considerarem as condições históricas para a criação deste PPP. Normalmente observamos o quão tardio são as conquistas no campo da surdez. A língua de sinais só teve seu reconhecimento no ano de 2002 com a Lei nº 10.436, que ainda assim a configura como “meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda” (BRASIL, 2002, Art. 1º) e não como língua co-oficial ou segunda língua do país.

Somente no ano de 2005, temos o Decreto nº 5.626 que regulamenta a Lei de Libras e dá providências sobre a inclusão da Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores, em nível médio e superior e nos cursos de Fonoaudiologia em todas as instituições de ensino superior das redes públicas e privadas (BRASIL, 2005, Capítulo II, Art. 3º) e da promoção pelo MEC de programas específicos para a criação de cursos de graduação. (BRASIL, 2005, Capítulo III, Art. 11). Devemos observar que durante muito tempo não se atribuiu a Libras o *status* de língua, considerando-a apenas como uma alternativa aos surdos que não conseguiram desenvolver a língua oral. Ao longo de séculos foi uma língua censurada e que só teve reconhecimento a partir da linguística, outro campo da ciência ainda recente.

A entrada da Libras nos espaços acadêmicos não se dá por meio de uma resposta autônoma das universidades, mas por meio do atendimento de uma exigência legal, fruto da luta incansável da comunidade surda. Valorizar os estudos linguísticos a partir da Libras pode ser um caminho de reafirmação no campo da ciência do seu reconhecimento e do seu *status* como língua.

Assim, há de se compreender a importância histórica e política do primeiro curso de graduação em Libras em nosso país que abre caminhos nesse espaço negado aos surdos durante décadas, e a necessidade de firmar-se no cenário científico. No entanto, “isso não quer dizer que a ciência é inteiramente ditada pelas condições

sociais, mas que há uma relação estreita entre a aparição de uma gramática e o contexto sociocultural e institucional no qual ela aparece.” (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017, p. 41) Da mesma forma, podemos substituir a “aparição da gramática”, citada pelos autores, pela “aparição dos programas de ensino e ementas das disciplinas”.

Albres (2016) complementa e finaliza essa nossa reflexão:

[...] analisamos o desenho do currículo do curso Letras Libras. Destacamos que esse currículo tem um sentido político, um sentido de visibilidade social, de legitimação linguística, de instituir esse tipo de formação na academia (em que não havia tradição alguma). Existe também a intenção de agregar profissionais invisíveis, de gerar múltiplas formações (professores, tutores, intérpretes, tradutores/a, cinegrafistas, editores, alunos), de inaugurar aulas em libras na dinâmica de modalidade à distância, o que gera um estranhamento para muitos. Todos esses sentidos marcaram o momento histórico de sua fundação. O produto e o benefício gerados são de uma ordem ímpar, que nenhum outro curso já gerou para pessoas surdas no Brasil. O curso formou todos, não só os alunos. (ALBRES, 2016, p. 145)

Uma vez indicada certa valorização dos estudos linguísticos no PPP, analisamos as teorias que o fundamenta. Sabemos que o conceito de língua é formulado dentro de diferentes linhas teóricas e, nessa formulação, encontraremos distintas maneiras de nortear nossas práticas pedagógicas. Assim, buscamos verificar a elaboração do primeiro Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso de Letras/Libras no Brasil.

Como importante documento norteador das práticas pedagógicas, o PPP é um documento que deve ser elaborado por cada instituição de ensino para orientar os trabalhos durante o curso. Ao buscarmos o PPP do curso Letras/Libras da UFSC, procuramos compreender em quais perspectivas teóricas este projeto se filia.

No primeiro capítulo do PPP encontramos as concepções, princípios e fundamentos teóricos que norteiam a formação dos alunos dessa instituição no curso referido e que se firmam na perspectiva sócio-semiótica do Professor Emérito M.A.K. Halliday, desenvolvida a partir dos anos 1970 com seu livro *Language as social semiotic* (1978). Para o autor, a língua se organiza não só em torno do seu sistema linguístico, mas também em torno do seu sistema de dados do contexto social. A linguagem é tida na conta de um sistema utilizado para criar significados em interações sociais a partir de escolhas paradigmáticas.

Nessa perspectiva, no PPP (2012, p. 4) são propostas quatro dimensões sobre a linguagem que se interpenetram. Assim, a língua é concebida como: sistema, arte, conhecimento e comportamento.

O elemento de ligação entre essas dimensões serão os *textos* e seus *contextos*. Note-se, todavia, que o termo *texto* não se restringe absolutamente à linguagem escrita, mas engloba também a linguagem oral ou sinalizada e a linguagem mediatizada (vídeo), bem como a comunicação multimodal, incluindo desde os elementos visuais elementares até as artes mais complexas como o cinema. Nesta perspectiva, um filme ou uma aquarela, podem igualmente ser elevados à categoria de textos e ser estudados como tal, inseridos em determinado(s) contexto(s). (2012, p. 4)

Em sua obra, Halliday propõe uma abordagem da linguagem que focaliza o semiótico, o social e o funcional. A linguagem é apenas um dentre muitos outros sistemas de sentido que constituem a cultura humana. Tal abordagem é retomada no seguinte ponto do PPP:

[...] Estas subdivisões de linguagem devem ser vistas, portanto, não como estratificações estanques, mas, sobretudo, como parâmetros organizacionais, pedagógicos e metodológicos, permitindo a visualização de enfoques de pesquisas e estudos pontuais. Assim sendo, esse panorama procura ser suficientemente abrangente para propiciar a visualização da macro-estrutura que permite estabelecer a concatenação entre os diversos elementos contidos no currículo do Curso de Letras Libras da UFSC, aqui apresentado. (2012, p. 6)

Assim, o PPP esclarece que os textos associados aos seus contextos são resultados da interação simultânea entre as quatro dimensões (sistema, arte, conhecimento e comportamento) e devem ser igualmente consideradas e estudadas.

A partir dessa concepção, o PPP traça o perfil almejado do licenciado e bacharel do curso de Letras/Libras que deve possuir as seguintes características descritas a seguir:

[...] em consonância com os objetivos propostos para o Curso, o bacharel ou licenciado em Letras Libras deve dominar o uso da língua objeto de seus estudos, em termos de suas características culturais, estruturais e funcionais, mantendo-se atento às variedades linguísticas e culturais, envolvendo-se socialmente e assumindo posturas que contribuam para a consciência do outro. (PPP, 2012, p. 19)

Tornou-se relevante considerar a qual filiação teórica se inscreve o PPP para melhor compreendermos sua prática discursiva e sua perspectiva de política linguística e científica.

Explicitada a linha teórica que conduz o PPP do curso de Letras Libras da UFSC, observamos em seu ementário a oferta da disciplina “Tecnologias da Informação e EaD” para licenciatura e bacharelado.

1ª Fase	Tecnologias da Informação e EaD	Total h/a		Créd.
	Linguagem, tecnologia e sociedade. Contemporaneidade: tecnologia, globalização e meio ambiente. O impacto das tecnologias na vida e na educação de surdos. Tecnologias de registro e edição de vídeos em Libras. Introdução à Educação a Distância.	72		04
Bibliografia				
KENSKI, V. M. Tecnologias e ensino presencial e a distância . Campinas: Papyrus, 2004.				
LEVY, P. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática . Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.				
OLIVEIRA, V. B. de; VIGNERON, J. M. J. Sala de aula e tecnologias . São Bernardo do Campo: UMESP, 2005.				

(PPP, 2012, p. 37)

A disciplina dialoga com a vertente da semiótica social e seus aspectos multimodais. A integração das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) no ambiente virtual de aprendizagem exige a atualização das competências no uso dessas ferramentas que apresentam novas funções e necessidades e que, por conta de sua especificidade de ser uma língua visual espacial, trazem inúmeros benefícios para a língua de sinais.

Além disso, o desenvolvimento da TIC e o surgimento e disseminação do uso da Internet conjugado às necessidades sociais de educação e formação continuada, trazem uma oferta sem precedentes de cursos na modalidade a distância, em diferentes níveis e formatos, em que os primeiros cursos de Letras Libras encontraram soluções para a carência de especialistas, mestres e/ou doutores habilitados a ministrar no curso de graduação, reforçando dessa forma, a necessidade do curso EaD ser organizado em uma única universidade e aplicado em todo território nacional. (ALBRES, 2016, p. 99)

Também por meio das TICs, foi possível refletir e estabelecer a normatização de artigos acadêmicos em Libras. Uma vez ocupando esses espaços acadêmicos, os surdos precisaram se apropriar desse lugar também através de sua língua, conhecendo e produzindo nos diversos gêneros científicos próprios desse universo. A seguir, apresentamos a ementa da disciplina “Libras Acadêmica”.

5ª Fase	Libras Acadêmica	Total h/a	PCC h/a	Créd.
		72	36	04
Normatização de trabalhos acadêmicos em Libras. Estrutura do discurso acadêmico filmado. Tecnologias de vídeo e seu impacto nas pesquisas sobre língua de sinais. Produções acadêmicas em Libras. Prática como componente curricular.				
Bibliografia				
FEITOSA, V. C. Redação de textos científicos . Campinas: Papyrus, 1991. FORTKAMP, M.; TOMITCH, L. (Org.). Aspectos da linguística aplicada: Estudos em homenagem ao Prof. Hilário Inácio Bohn . Florianópolis: Insular, 2000. ZANDOMENEGO, D.; CERUTTI-RIZZATTI, M. E. Produção textual acadêmica I . Florianópolis, SC: UFSC, 2008.				

(PPP, 2012, p. 41)

A disciplina supracitada é de suma importância em sua representatividade histórica, política e social. Não se trata apenas da entrada dos surdos e de sua língua em uma instituição certificada como produtora do conhecimento científico, mas do reconhecimento do seu *status* linguístico legitimado por essa instituição. Assim, há uma contribuição sistemática para o desenvolvimento científico e cultural da língua de sinais, pois “os progressos da ciência gramatical dependem dos progressos da língua”. (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017, p. 26).

O surdo não só ocupa esse espaço acadêmico, como dele se apropria a partir do momento em que o léxico que o compõe ganha materialidade por meio da sua língua, através dos sinais acadêmicos.

Segundo Marques e Oliveira (2012), a partir de inovações tecnológicas, propõe-se uma ampliação do conceito de escrita, a fim de que surdos universitários possam produzir textos acadêmicos em Libras, considerando a diferença da modalidade da língua de sinais. Surge, então, a necessidade de se apresentar uma proposta de normatização para submissão de trabalhos em periódico digital especialmente desenvolvido para publicação de artigos acadêmicos em Libras.

Dá-se, portanto, a instituição do grupo de pesquisa Vídeo-Registro em Libras, em 2010 na UFSC, que se propõe a refletir e apresentar uma proposta de normatização da produção acadêmica de surdos, onde os pesquisadores buscam legitimar essa forma de registro mostrando que é possível padronizar a produção do gênero acadêmico em Libras. (MARQUES; OLIVEIRA, 2012, não paginado)

Os surdos não só se apoderam do meio acadêmico por sua inserção física nesses espaços e/ou legitimam a língua de sinais por meio da sua disciplinarização no campo da ciência, como o ressignificam bem como em um movimento antropofágico assimilando seus gêneros, reelaborando-os e convertendo-os a partir da cultura visual-espacial da língua de sinais e da comunidade surda.

Na constituição disciplinar dos estudos surdos, observamos deslocamentos de perspectivas antes baseadas em línguas orais auditivas e que agora ganham novos efeitos de sentido com a língua de sinais, uma língua de modalidade visual-espacial, marcando a identidade cultural do povo surdo.

O domínio da escrita como instrumento de legitimação de uma língua ganha novas configurações com a Libras que atravessam dispositivos como gramáticas, dicionários e normatizações ampliando-se para a sistematização e registros culturais com a literatura surda. Registra-se por meio dessa literatura o “jeito surdo”, seu modelo de vida, suas lutas e suas conquistas.

Assim, passamos a análise das ementas das disciplinas de literatura surda:

7ª Fase	Literatura Surda I	Total h/a	Créd.
		72	04
Introdução à Literatura Surda. A expressividade estética e literária nas línguas de sinais. O gênero narrativo: estrutura e funções. Realidade e ficção. Tipos de narrativa em línguas de sinais. Narrativas e educação de surdos. Produção e análise de narrativas. A literatura como um artefato cultural.			
Bibliografia			
ARISTÓTELES. Arte poética ; texto integral. São Paulo: Martin Claret, 2003.			
BOSI, A.. Céu, inferno : ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Atica, 1988.			
FRYE, N... O caminho crítico; um ensaio sobre o contexto social da crítica literária . São Paulo (SP): Perspectiva, 1973.			
KAYSER, W. J. Análise e interpretação da obra literária : introdução a ciência da literatura. 6. ed. Portuguesa. Coimbra: Armenio Amado, 1976.			

(PPP, 2012, p. 44)

8ª Fase	Literatura Surda II	Total h/a	Créd.
		72	04
Literatura surda no Brasil e no mundo. O gênero poético. Funções da poesia. Tipos de poesia em línguas de sinais. Poesia e criatividade linguística. Prática em poesia. A expressividade no humor. Metáforas e outros recursos literários em línguas de sinais.			
Bibliografia			
BENJAMIN, W.. Magia e técnica arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura . 7. ed. São Paulo (SP): Brasiliense, 1994. 253p.			
HOLANDA, S. B. de; PRADO, A. A. O espírito e a letra: estudos de crítica literária I, 1920-1947 . São Paulo (SP): Companhia das Letras, 1996.			
STAM, R. A Literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação . Belo Horizonte: UFMG, 2008. 511p.			

(PPP, 2012, p. 45)

A literatura surda é um dos marcos da territorialidade da Libras nos espaços acadêmicos e do seu reconhecimento linguístico, reivindicando direitos, criticando as relações de poder e dando a conhecer a historicidade de um povo, pois:

Em uma perspectiva de pós-independência, as narrativas da literatura descolonizadora cumprem um papel histórico de provocar reflexões sobre as identidades nacionais e o sujeito pós-colonial. Existe nessas narrativas uma linha de reflexão comum em todas: reconstrução da identidade e o resgate cultural. (NEVES, 2015, p. 31)

Contudo, verifica-se a ausência de referências a autores/poetas surdos na bibliografia proposta nas ementas, assim como textos que tratem da literatura surda. Embora os conteúdos das ementas tratem de aspectos específicos das línguas de sinais, suas referências bibliográficas versam sobre manifestações literárias outras, mais abrangentes e pertencentes às línguas orais.

Essa privação pode se dar pela escassez de investigações na área. A partir da disciplinarização desse campo do saber na universidade, se desenvolvem e se consolidam pesquisas nessa esfera.

Também se faz necessário pontuar a falta de registros ou documentação. Como nas culturas de tradição oral, onde a cultura, o conhecimento e as tradições são passadas oralmente de uma geração para outra, a literatura surda era compartilhada presencialmente por meio das línguas de sinais. Deste modo, se faz necessário o

resgate dessas memórias para se ter acesso a essas histórias, sem desconsiderar que muitas já foram perdidas e/ou esquecidas.

Além disso, devemos observar que a língua de sinais sofreu séculos de censura que acarretaram em proibições de suas manifestações linguísticas e literárias. Com o reconhecimento da Libras, somado ao desenvolvimento tecnológico que permite o registro dos sinais por meio de vídeos, passamos a ter, recentemente, o registro da literatura surda tratando-se, desse modo, de uma literatura contemporânea.

Acreditamos que a literatura surda desempenhará um papel fundamental nessa construção de língua, povo e cultura chancelados por uma instituição acadêmica, contribuindo para o empoderamento do povo surdo por meio de suas experiências, sua identidade e sua cultura que são corporificadas e sinalizadas em poesia.

O silenciamento de referências surdas na bibliografia, ou mesmo textos que pesquisem nesse campo, acaba por indicar anos de apagamento dessa língua, seu povo e sua cultura, ou simplesmente ajustes de normatizações institucionais que definem regras específicas e tradicionais para as referências a serem utilizadas na ementa de um curso acadêmico. Fato é que a inserção da disciplina literatura surda na grade curricular do curso de Letras Libras inaugura um novo tempo de pesquisa, de divulgação e estudos nessa área.

Vale a verificação de como a disciplina se apresenta nesse aspecto em outras universidades que posteriormente criaram seus cursos de Letras/Libras, com pesquisas mais consolidadas sobre esse tema, mas deixaremos essa análise para outro momento devido às limitações desse trabalho.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecendo seu valor histórico e de referência para outros novos cursos de graduação em Letras/Libras, buscamos resgatar e revalorizar documentos que descrevem a história das disciplinas no curso de Letras/Libras da UFSC, pioneira em sua oferta presencial e na modalidade EaD. Para isso, analisamos seu PPP, bem

como seu ementário, documentos que inauguram a disciplinarização da Libras nas universidades brasileiras.

Uma instituição de ensino superior carrega consigo inúmeras responsabilidades quanto à formação do acadêmico, embates e relações políticas e de poder:

Quando refletimos sobre a presença desses instrumentos na Escola, na perspectiva em que consideramos a produção do saber metalinguístico, não se trata de pensar o mero uso de um artefato, mas da construção de objetos históricos, com consequências sobre as políticas das línguas. (ORLANDI, 2001, p. 8)

O PPP e o ementário são resultados das disputas pelo poder, apresentando modos de pensar e de produzir o conhecimento (meta)linguístico. Cabe um olhar mais atento e crítico sobre esses instrumentos linguísticos para, como educadores, não sermos meros repetidores de teorias prescritas nas ementas, mas agentes de um processo histórico sobre a Libras em sua representação de língua nas diversas instituições de ensino.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. **Ensino de libras: aspectos históricos e sociais para a formação didática de professores**. 1ª ed. – Curitiba: Appris, 2016.

AUROUX, S. **Histoire des idées linguistiques**. Tomo I. Paris: Pierre Mardaga, 1989.

_____. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2009.

BRASIL. **Resolução CNE nº 02/2015. Define as diretrizes nacionais para a formação inicial em nível superior e formação continuada**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17719-res-cne-cp-002-03072015&category_slug=julho-2015-pdf&Itemid=30192. Acesso em 18 de março de 2018.

_____. **Decreto nº 5626 de dezembro de 2005**. Brasília: Presidência da República, 2005. Disponível em www.planalto.gov.br. Acessado em 05/03/2018.

_____. Presidência da República, **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências**. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2002/lei-10436-24-abril-2002-405330-norma-pl.html>. Acessado em 05/03/2018.

CERNY, Roseli Zen; QUADROS, Ronice Muller de. BARBOSA, Heloiza. Formação de professores de letras-libras: construindo o currículo. **Revista e-Curriculum**, PUCSP-SP, v.4, n.2, junho, p. 1-15, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/3230/2148>. Acesso em: 21/11/2017.

COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. **Uma história das ideias linguísticas**: tradução Jaqueline León, Marli Quadros Leite. – 1ª ed. – São Paulo: Contexto, 2017.

FERNANDES, I. C. S. O lugar da História das Ideias Linguísticas nas disciplinas de enfoque gramatical. In: Amanda Eloina Scherer; Verli Petri; Cristiane Dias. (Org.). **Tecnologias da Linguagem e Produção do Conhecimento do Conhecimento/ Coleção Hiper Saberes**. Santa Maria: PPGL-UFSM, 2009, v. vol II, p. 162-171.

GUIMARÃES, Eduardo. ORLANDI, Eni P. Formação de um espaço de produção linguística: a gramática no Brasil. In: ORLANDI, Eni P.(org.) **História das ideias linguísticas no Brasil: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional**. Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat Editora, 2001.

MARQUES, Rodrigo Rosso; OLIVEIRA, Janine Soares. **A normatização de artigos acadêmicos em libras e sua relevância como instrumento de constituição de corpus de referência para tradutores**. Disponível em: http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_metodologias_traducao_marquesoliveira.pdf, 2012. Acesso: 20/03/2018.

NEVES, Claudete Marques das. **Literatura surda: uma literatura descolonizadora?** 2015. 65 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Literários, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2015.

ORLANDI, Eni P.(org.) **História das ideias linguísticas no Brasil: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional**. Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat Editora, 2001.

_____. **Gestos de leitura: da história no discurso**. (Org.). 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **PPP – Projeto Político Pedagógico do curso de Letras Libras. Licenciatura e Bacharelado**. Modalidade Presencial. Currículo 2012.1. Florianópolis, 2012.

SURDI DA LUZ, Mary Neiva. Linguística e ensino: a formação de professores de língua portuguesa. In: **Revista Línguas e Letras**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Campus de Cascavel. Centro de Educação, Comunicação e Artes. Vol. 15, nº 28 (primeiro semestre de 2014). Cascavel: EDUNIOESTE, 2014. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/issue/view/665>. Acessado em 11/04/2018.